_ SEG _ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Joaquim Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal) _ Pedro Zicoi (quinzenal)
_ TER _ Vinicius Pereira _ Pedro Doria _ QUA _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Dahlsira (quinzenal) _ QUI _ Vinicius Pereira _ Malu Gaspar
_ SEX _ Vera Magalhães _ Fábio Oliveira _ Bernardo Mello Franco _ SÁB _ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Cristóbalo _ DOM _ Vinicius Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

DORRIT HARAZIM

blogs.oglobo.globo.com/epiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

Janela do tempo

Já estamos, no controle a granel de praticamente tudo o que existe sobre a Terra e, mesmo assim, perto de sermos a mais frágil das espécies com que dividimos a existência. À exceção de uma guerra nuclear aniquilante, continuamos a agredir com voracidade suicida o meio ambiente que permite o viver humano. Ao arrepio da ciência e do saber, tudo sofre agressão ininterrupta — oceanos, outras espécies, florestas, rios, pantanais, ecossistemas, biomas, ar, água. Tudo. Na enxurrada, lá se vão muitos sonhos, esperança, planos e expectativas de um amanhã — também essas coisas exigem um planeta habitável.

Uma década atrás o escritor e ambientalista britânico George Monbiot já alertava sobre a degradação do chão em que pisamos — tratamos feito lixo essa estrutura biológica que produz 99% das calorias de que precisamos. Mais recentemente, Monbiot publicou o premiado "Regenesis: feeding the world without devouring the planet" (em tradução livre, "Regênese: alimentando o mundo sem devorar o planeta"), em que destrincha vários caminhos ainda possíveis. Só que a janela do tempo vai se fechando, e preferimos não ver.

Nenhum bípede vive um só dia sem deixar algum impacto no mundo à sua volta, repete à exaustão a grande dama Jane Goodall, do alto de seus 90 anos. Mesmo atos comezinhos, cotidianos, fazem diferença. O que cada um precisa decidir, acrescenta ela, é que tipo de diferença no mundo quer fazer. Para honrar a jornada que nos é dada no chão da Terra, tem pouca serventia a esperança entendida como ato passivo. A esperança real não é almoço grátis — exige ação e comprometimento.

E o Brasil de 2024, tragado pelo desastre ambiental de magnitude acachapante no Sul do país, revela toda sua gama de ações e manifestações contraditórias. Recursos que andavam desperdiçados ou adormecidos avivaram-se, formaram correntes de eficiência, enquanto fabricantes de caos aproveitam para espalhar vilanias. Somente com o baixar das águas, quando o cara a cara com a devastação se fizer mais real, se verá melhor o grau de maturidade da sociedade brasileira. Um fato, contudo, pode ser registrado desde já: sorte do país que tem liberdade de imprensa em tempos horrendos. A cobertura da grande mídia profissional está sendo um dos alicerces nessa dolorosa travessia nacional.

Vem à mente, nesse aparente desarranjo da natureza com seus ocupantes humanos, um trecho lindo do discurso da polonesa Olga Tokarczuk ao receber o Nobel de Literatura em 2019, em tradução de Gabriel Borowski:

— Estamos todos, nós, plantas, animais, objetos, imersos no mesmo espaço regido pelas leis da física. Esse espaço comum tem seu formato, em que essas leis esculpem uma quantidade incontável de formas mútuas e correspondentes. Nosso sistema circulatório se parece com as redes de drenagem, a estrutura de uma folha é semelhante aos sistemas da comunicação humana, o movimento das galáxias faz pensar nos redemoinhos da água que escorre na nossa pia. O desenvolvimento das sociedades lembra as colônias de bactérias. As escalas micro e macro revelam um sistema infinito de semelhanças. O modo como falamos, pensamos e criamos não é nada abstrato e desligado do mundo, mas é antes uma continuação, em outro nível, de seus processos incessantes de transformação.

Na enxurrada, lá se vão muitos sonhos, esperança, planos e expectativas de um amanhã; também essas coisas exigem um planeta habitável

Na semana passada, um cavalo de ferraduras escorregadias, equilibrado num improvável pedaço de teto ainda não tomado pelas águas, comoveu o mundo. Fotografado do alto, permanecia absurda e teimosamente de pé, imóvel, sozinho, sem chão. Éramos nós que ali estávamos. Para ser salvo, o animal precisou confiar nos humanos que dele se aproximaram — qualquer tentativa de coice ou movimento de defesa poderia lhe ser fatal. Por instinto ou impossibilidade de se mover, ele correu o risco de confiar. E deu-nos de presente um radioso momento de irmandade entre espécies. Quem não se emocionou com a entrega desse animal de 350 quilos aos braços de brigadistas que nunca vira não merece saber o que é ser humano. Nem animal.

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

Enxurrada de desinformação

Enquanto milhares de brasileiros morriam diariamente na pandemia, a máquina da desinformação atuava para desacreditar as vacinas e sabotar as medidas sanitárias. Seria muito otimismo esperar algo diferente na tragédia que abate o Rio Grande do Sul.

A catástrofe climática veio acompanhada de uma enxurrada de fake news. Na tragédia, as notícias fraudulentas fazem mais do que emporcalhar o debate público. Atrapalham as equipes de resgate, desestimulam a entrega de donativos, incitam a revolta contra quem tenta salvar vidas.

No domingo passado, um coach mentiu que o governo gaúcho estaria barrando caminhões de doação e impedindo a distribuição de quentinhas a desabrigados. "É ano político, a mídia não vai mostrar direito o que tá acontecendo, entendeu? Por causa dos políticos", disse, com ar de indignação.

Era tudo mentira, mas o vídeo viralizou nas redes. Seu protagonista tem quase 10 milhões de seguidores no Instagram e quer ser candidato a prefeito de São Paulo. Enriqueceu com a venda de cursos em que promete ensinar os outros a ganhar dinheiro fácil na internet.

Os exemplos de má-fé se sucedem. Um médico que já teve o registro suspenso inventou que a Anvisa teria proibido a distribuição gratuita de medicamentos. Um ex-participante de reality show alegou que a polícia estaria bloqueando a passagem de barcos de resgate.

Perfis apócrifos divulgaram um vídeo que descreve a catástrofe como uma "calamidade planejada" e um "evento climático artificial". O motivo alegado: "promover agendas ocultas" e "controlar as massas" em benefício da "elite global".

Sem regulação contra fake news, redes atrapalham equipes de resgate, desestimulam doações e incitam revolta contra quem salva vidas

Oportunistas aproveitam a tragédia para faturar. Ao disseminar o pânico, desgastam adversários políticos e monetizam cliques e compartilhamentos. Sem regulação, as grandes plataformas permitem que os algoritmos continuem a serviço das fake news. As mentiras correm como lebres, os desmentidos caminham a passos de tartaruga.

A imprensa e as agências de checagem tentam esclarecer o público, mas também são alvo de campanhas de ódio. Seu efeito mais visível são os ataques a jornalistas, que viraram rotina na cobertura da enchente.

O desastre gaúcho evidencia a urgência de medidas para frear a indústria da desinformação. Isso exige mecanismos ágeis para remover conteúdo fraudulento e punir quem lucra com a mentira deliberada. A liberdade de expressão, sagrada em qualquer democracia, não pode mais servir de pretexto para proteger o extremismo e encobrir a prática de crimes.

Nos últimos dias, o governo federal e o governo gaúcho acionaram suas polícias para tentar conter o chorume das redes. A iniciativa é compreensível, mas deve ser fiscalizada para que não haja excessos ou censura ao direito de crítica.

Se é difícil parar as mudanças climáticas, não parece impossível estabelecer regras claras para responsabilizar as big techs e enfrentar o negócio milionário das notícias falsas. Já estamos atrasados: outras tragédias virão.

ARTIGO

Sexto ano sem abraçar minha mãe

LUYARA FRANCO

No dia 14 de março de 2018, minha vida sofreu uma reviravolta completa quando minha mãe, Marielle Franco, e o motorista dela, Anderson Gomes, foram brutalmente tirados de nós. A partir desse momento, minha vida não seria mais a mesma. Me acompanha uma dor inenarrável que é perder a mãe.

Sigo resistindo, transformando o luto em luta e defendendo a memória dela para que as futuras gerações continuem lembrando quem minha mãe foi e o que ela representa, levando a todos os cantos seu legado de defesa dos direitos humanos e luta por uma sociedade realmente justa e igualitária.

Há seis anos, datas como essa, Dia das Mães, são cinzas e carregam intensamente saudades, dor e indignação. Há seis anos, não tenho o prazer de abraçar minha mãe no dia que celebra a maternagem. Queria poder ouvir sua risada, poder abraçá-la, lhe dar um presente e passar o dia juntas.

Sei também que estou ligada a ela por um elo visceral, sagrado e profundo. É a partir dessa ligação ancestral e inquebrantável com minha mãe que sigo honrando sua memória, lutando por justiça para ela e para que outras mulheres negras não sejam interrompidas.

A violência política de gênero e raça, que nos tirou minha mãe, deveria ter tido uma resposta do Estado, mas até hoje sigo lutando, ao lado de tantas outras mulheres negras, por respostas às perguntas: quem mandou matar Marielle e por quê? Até hoje, ninguém foi julgado por esse crime brutal que, segundo as investigações, contou com a participação de agentes do próprio Estado.

A violência política de gênero e raça deveria ter tido uma resposta do Estado, mas até hoje continuo lutando

Em 24 de março de 2024, tivemos a notícia da prisão de pessoas apontadas pelas autoridades como mandantes do assassinato. Mas não posso deixar de frisar que isso, infelizmente, não marca o fim das investigações. Precisamos não apenas da responsabilização de todos os envolvidos nesse crime brutal, mas também de medidas de reparação para nossas famílias e medidas para evitar a repetição.

É necessário que o Estado brasileiro implemente medidas de reparação para nossa família e a de Anderson, que deixou esposa e seu pequeno Arthur, que também passará mais um Dia dos Pais sem a presença paterna.

Além das medidas de reparação, é necessário que o Estado crie medidas de não repetição, para que nenhuma outra pessoa defensora de direitos humanos que ocupe a política seja vítima dessa violência letal e de outras modalidades de violência política.

A impunidade dessas violações contra a população afro-brasileira permite a repetição de atos semelhantes e a perpetuação do racismo estrutural. Ressalto que, no Brasil, não há política de reparação aos familiares e vítimas de violência do Estado que garanta investigação independente, participação efetiva nas investigações, indenização e apoio psicológico contínuo. Em razão disso, nossa luta é coletiva. Lutamos por justiça para tantas outras filhas e filhos que neste dia não estarão com suas mães por causa da violência do Estado.

Neste Dia das Mães, infelizmente não poderei estar fisicamente com ela, abraçá-la e compartilhar este momento especial. Nesta data e em todos os demais dias da minha vida, nossos momentos juntas sempre estarão no meu pensamento, na minha memória. Ela deixou milhares de sementes, mulheres negras, periféricas e todas aquelas pessoas que seguem enguendo os punhos e clamando por direitos — assim como eu, que sou a maior semente deixada pela minha mãe.

Luyara Franco, conselheira fundadora e coordenadora especial de memória do Instituto Marielle Franco, é formada em educação física pela Uerj e atua na preservação do legado de sua mãe